

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS (filho)

Entrevistado por Maria Augusta Silva

MARÇO 1993

Futurista. Inovador. Irreverente. Imprevisível. Artista total. Almada Negreiros: desenhador, retratista, poeta, contista, dramaturgo, novelista, ilustrador; o coreógrafo, que dançou; ator uma só vez, no filme *O Condenado*, em 1920. Foi — é — uma das maiores referências da cultura portuguesa. Falámos com alguém que melhor o conheceu: José de Almada Negreiros (filho), arquiteto.

Será fácil ser filho de Almada Negreiros?

É uma herança difícil. Quando miúdo, julgava que todos os pais eram pintores. Depois, apercebi-me que não, e também de que o meu pai estava para além do comum.

Como eram os diálogos entre pai e filho? O «mestre» gostava de apontar caminhos?

Todo o discurso dele era inteligente e oportuno. Não tivemos o chamado *conflito de gerações*. Pode parecer presunçoso da minha parte, mas respeitávamo-nos mutuamente. Chegámos a ter *atelier* juntos durante muito tempo. Às vezes, perguntava-me: *Ó Zé, como é que se divide a circunferência em sete partes iguais?* Atrevia-me a dar-lhe uma ou outra sugestão: *Pai, esse traçado não se usa, vamos experimentar outro método.* Boas recordações!

Quando Almada filho, ao princípio do curso de Arquitetura, hesitou em seguir aquele rumo, tão forte era o apelo da música jazz em que intervinha, como reagiu o pai?

Disse-me: *Rapaz, se é isso que preferes, vai prà frente!* Mas a vida não era fácil. Economicamente o meu pai merecia ter vivido com mais desafogo. E senti a responsabilidade de uma opção mais sólida. Não me arrependo. A Arquitetura é uma arte cujo entendimento não é imediato, mas gosto a sério do meu trabalho.

Até que ponto Almada Negreiros, o poeta da *Invenção do Dia Claro*, foi marcado pela morte da mãe aos três anos?

Muito. Sofreu a falta da mãe (toda a sua obra a reflete) e a ausência do pai, que, depois de São Tomé, se fixou em Paris. Estou convencido de que foi duro para ele e levou-o cedo a ganhar uma consciência de autodefesa muito forte, decisiva na formação do seu carácter.



Um dia, Almada Negreiros foi homenageado em Madrid. De repente, apareceu alguém a querer participar nessa homenagem. As inscrições estavam encerradas. Mas esse alguém, pesaroso, insistia em, ao menos, dar um abraço ao homenageado. Perguntaram-lhe: *Quem é o senhor?* Resposta simples: *Sou o pai de Almada Negreiros*. Entrou. Cumprimentaram-se naturalmente. «Olha o pai aqui!», disse Almada.

Órfão de mãe, entregue, em Lisboa, aos cuidados dos avós e tios maternos, amigo do irmão António (mais novo dois anos), Almada Negreiros entra no colégio de Campolide. O tio Joaquim Sobral desenhava e pintava. Também o pai era poeta e homem dedicado à escrita de jornais. A vocação delineava-se seguindo o perfil da sua árvore genealógica de escritores e artistas.

Almada parte para um liceu de Coimbra. Desenha e pinta, entretanto. E deixa os estudos.

Almada filho entende a decisão do pai: «Se refletirmos sobre o atraso académico de então, formando-se pessoas sob determinada ótica, é natural que meu pai tenha desistido. Tinha outra visão das coisas».

Em 1915, Almada Negreiros era uma pessoa bem definida, em plena atividade literária, a colaborar como poeta no *Orpheu*. Já tinha sido publicado o manifesto *anti-Dantas*. Escreveu, nos três dias que durou a revolução de 14 de Maio de 1915, *A Cena do Ódio*, *Frisos* e *As Quatro Manhãs*.



Fernando Pessoa e seu pai tratavam-se por tu. Protagonizavam o «modernismo». Temperamentos próximos?

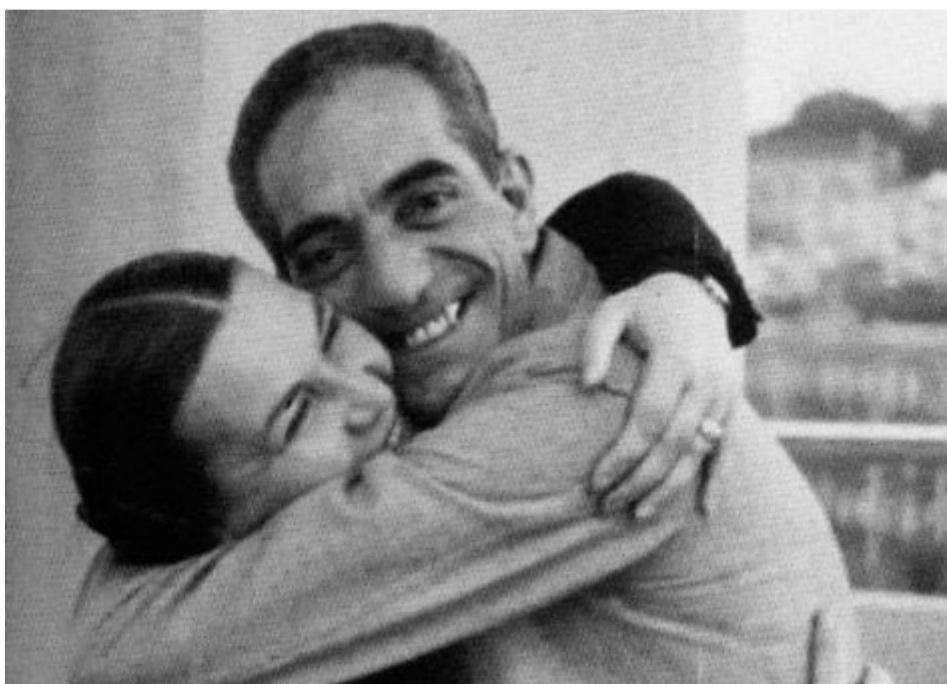
Não. Muito diferentes. O meu pai era um homem mental, um pitagórico. A grande realidade era a sua maior preocupação. Tinha os pés bem assentes na terra e não parecia... Entre a vida e ele não havia equívocos. Abstraía-se de tudo ao trabalhar, mas o seu olhar era atento, não levitava. Tinha uma grande coragem física. Estudava os filósofos todos e dissecava os temas até às últimas consequências. Procurava despertar os outros. Disse um dia Eduardo Lourenço que o futurismo era o bilhete de identidade de meu pai. Verdade que foi.

Depois de uma curta passagem por Paris — a grande encruzilhada da cultura europeia ao tempo —, Almada acaba por escolher Madrid. Em que medida o influenciou a vida cultural de Espanha?

Meu pai foi o indivíduo mais independente que alguma vez existiu à superfície da Terra. Mas os grandes ambientes fazem bem. O convívio com personalidades como Lorca e tantos outros, estimulou-o, com certeza.

Como se desdobrou Almada pelo desenho, pintura, dança, literatura, teatro...

Era um homem com uma enorme necessidade de expressão, de comunicar. Uma inteligência aguda, uma espantosa capacidade de raciocínio, de diagnóstico e decisão. E tudo procurava fazer bem. Por exemplo, como só pintava à luz do dia, ao trabalhar um fresco, se o reboco ficava pronto ao pôr-do-Sol mandava logo picá-lo e, no dia seguinte, voltava a ser feito. Até na prática desportiva, do futebol ao ténis, era de uma entrega apaixonada.



Almada e Sarah Affonso, dois nomes consagrados no desenho e na pintura. Casam-se na Igreja de São Sebastião da Pedreira. Nasce-lhes um filho (José) e uma filha (Paula). Como era a relação entre eles?

Duas personalidades muito fortes. Uma capacidade imensa de ternura. O meu pai não queria que minha mãe se apagasse artisticamente por causa dele. Mas houve circunstâncias especiais, a começar pela falta de espaço.

As novas gerações terão facilidade de entender a obra, a mensagem de Almada Negreiros?

Cada vez melhor, porque trocam mais impressões. O nível de educação visual subiu muito. Já não se aturam coisas que não sejam bem pensadas, criativas.

Se Almada filho pudesse, hoje, dialogar com Almada - o mestre -, que problemas lhe colocaria?

Os mesmos. Porque sempre falámos das grandes preocupações à volta da comunicação, do entendimento do Homem e do espaço. Eu nunca vi o meu pai velho. Soube sempre vencer o tempo e viveu intensamente até estoirar.

E costumava agradecer à crítica tê-lo descoberto só 40 anos depois...

Era isso e as condecorações. Dizia: deixem-me o peito limpinho.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*

TAMBÉM NESTE SÍTIO

UM DIA NA QUINTA DA LAMEIRINHA
ENTRE MEMÓRIAS VIVAS
DO HOMEM QUE FOI SEMPRE FUTURO

LER

http://www.casaldasletras.com/maria_Reportagens.html